

Por Lígia Formenti

Já existem relatos oficiais da má-formação ligada ao zika vírus em 764 municípios de 20 Estados, além do Distrito Federal

O número de casos de microcefalia no Brasil aumentou 10% em uma semana e alcançou a marca de 3.893 notificações. Os registros ocorreram em 764 municípios, em 20 Estados e no Distrito Federal. Embora o ritmo de crescimento tenha apresentado leve queda, o diretor de Vigilância de Doenças Transmissíveis do Ministério da Saúde, Cláudio Maierovitch, afirma ser cedo para fazer qualquer previsão. O vice-presidente de Pesquisa e Laboratórios de Referência da Fiocruz, Rodrigo Stabeli, alerta que os números ainda deverão crescer. “Chegaremos a 16 mil casos neste ano”, estima.

Para Stabeli, a epidemia de zika é um dos mais graves problemas de saúde pública já enfrentados pelo Brasil. “A evolução epidemiológica de problemas relacionados à infecção é muito mais rápida do que em outras doenças, como HIV e tuberculose”, diz. “Estamos assistindo à chegada de uma geração de bebês que necessitam de cuidados intensos para sua melhor qualidade de vida”, afirma. “Será necessária assistência para essas crianças, fora o impacto para a família”, explica.

A microcefalia era, até meados do ano passado, uma doença considerada rara no Brasil e no mundo. O número de casos no País explodiu a partir de agosto, meses depois de uma epidemia de zika no Nordeste. Exames feitos em bebês e fetos com a má-formação reforçaram a tese de pesquisadores de que o aumento de casos é causado pela transmissão vertical - da mãe para o bebê, na gestação.

A amostra mais recente ocorreu em Minas, com um bebê que nasceu com microcefalia. Análises feitas da medula espinal identificaram a presença do zika vírus. O boletim divulgado nesta quarta relatou ainda 49 mortes por má-formação congênita. Desse total, em cinco se confirmou relação com zika.

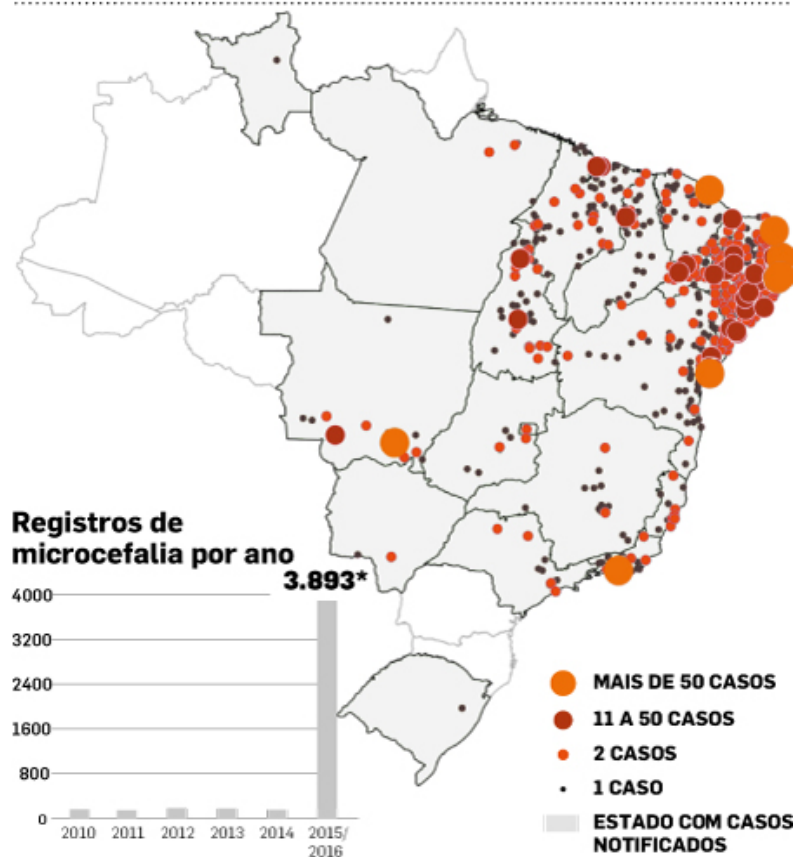
“O cenário é muito dinâmico. Ele ainda vai mudar bastante”, avalia Maierovitch. Ele lembra que o vírus, transmitido pelo mesmo vetor da dengue, já está presente em vários países. “A tendência é de que ocorram novos casos no Hemisfério Norte e em países onde há infestação do mosquito.”

Sudeste e carnaval. Uma das preocupações das autoridades sanitárias brasileiras é a Região Sudeste, onde o vírus começou a circular há pouco tempo e, por isso, a grande maioria da população é suscetível. “O Nordeste já enfrentou uma epidemia no verão passado. Não temos os números, mas há uma estimativa de que parte da população esteja imunizada. O mesmo não acontece no Sudeste”, diz Maierovitch. Para ele, é preciso continuar o trabalho de redução na infestação do mosquito. “Para não deixarmos a curva de casos subir.”

O diretor reconhece que o carnaval representa mais um fator de risco para o número de casos aumentar. Não por causa da circulação de pessoas, pois o vírus já está presente em quase todos os Estados do País, mas pela tendência, nesse período, de as pessoas adotarem atitudes de maior risco. “O contato interpessoal é maior e as pessoas ficam mais expostas ao mosquito, porque saem para as ruas. Daí a necessidade de insistir para medidas de proteção como uso de repelentes.”

Maierovitch também não escondeu preocupação com a situação de São Paulo que, como revelou o Estado, já apresenta um grande número de cidades com epidemia de dengue. “É um indicador da vulnerabilidade dos municípios para zika”, observa.

AVANÇO



* Até o dia 16 de janeiro de 2016

Número de casos de microcefalia

Roraima	1
Rio Grande do Sul	1
Mato Grosso do Sul	4
Pará	6
Goiás	9
Distrito Federal	14
São Paulo	18
Espírito Santo	46
Minas Gerais	54
Piauí	77
Tocantins	82
Rio de Janeiro	122
Maranhão	132
Mato Grosso	134
Alagoas	158
Sergipe	164
Rio Grande do Norte	188
Ceará	216
Bahia	496
Paraíba	665
Pernambuco	1.306

FONTE: MINISTÉRIO DA SAÚDE

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

Fonte: [Estadão](#), em 20.01.2016.